

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

Cotonou, 11 de janeiro de 1995. Entrevista com Théophile D'Almeida.

MILTON GURAN - Existe uma identidade brasileira no Benim hoje?

THÉOPHILE D'ALMEIDA - Têm famílias que se reconhecem como tendo uma proveniência brasileira, portuguesa, mas todos não se regrupam num caldeirão para dizer: “- Nós somos afro-brasileiros, afro-portugueses”. Evidentemente tem uma nuance que será preciso considerar. O fato de ser afro-brasileiro dá uma similaridade para fazer se sentir próximo dos portugueses. Porque, pelo comércio que se fazia nos séculos passados, tinha portugueses que intervinham para fazer o comércio entre o Brasil, a África e o Portugal. Afro-brasileiros podem se reclamar afro-portugueses nas nossas relações. Ainda mais porque os nomes de proveniência tipicamente brasileira são muito difíceis de dizer. Tem dois fatores que pesaram para isso. O primeiro fator foi a educação, que foi dada aos nossos pais pelo colonizador francês. Durante muito tempo os nomes de ressonância brasileira, portuguesa, espanhola, que os beninenses portavam, foram considerados como nomes emprestados daqueles que trabalharam nos óleos, por conta de certos padrões dos quais eles herdaram os nomes. Daí, estabelecemos que esses são nomes de escravos. Foi o que fez com que, salvo convicção, poucas pessoas guardaram nomes de origem brasileira, portuguesa, etc. Nos livros escolares, nos ensinaram que esses nomes eram nomes que os escravos trouxeram do Novo Mundo.

Cada família tem sua história. É preciso, então, se perguntar como cada uma delas se reformou, porque os sobrenomes são oriundos de uma camada que pôde se desenvolver. Encontramos hoje grandes famílias D'Almeida, De Souza, Da Silva, Da Matha, Vieyra. Não era uma colônia que estava se deslocando. Era uma ou duas pessoas que vieram e reformaram a família deles e atualmente encontramos famílias muito grandes. Nós as chamamos de “as grandes famílias”. Tem o problema de fundo que consiste em saber se existe uma identidade brasileira. É difícil de responder. Tem essa margem entre os portugueses e os brasileiros que não se situa claramente. Tem os D'Almeida de Portugal e tem os do Brasil. As duas entidades fazem com que nos perguntemos se a proveniência é brasileira ou portuguesa.

MG - O que recobre o termo “grande família”? É uma família muito numerosa? É uma família de importância social e econômica? Ou bem o termo regrupam os dois sentidos?

TA - É para levar nos dois sentidos. Porque todas as famílias de ressonância com nomes afro-brasileiros fizeram grandes realizações nesse país. São pessoas economicamente prósperas. Eles tinham uma emergência financeira, no Daomé de outrora. Eles tinham muitas posses, muita descendência, ou seja, um número importante de mulheres que

procriavam bastante. Tinha também as aquisições que faziam com que as famílias crescessem muito rápido. O impacto se dá de duas formas: o número de membros da família e a emergência financeira. Tem outro aspecto que distingue as grandes famílias. Têm alguns que foram serviçais dos patrões, os proprietários de fábricas. Esses também pegaram sobrenomes, o que contribuiu para aumentar as famílias. Esse último caso faz com que a identidade não se sinta entre todo mundo. Tem um pouco de desconfiança, e é isso também que está na base da não formação de uma colônia que se encontra.

MG - A colônia tem dois campos, dois lados. A colônia vista do interior e a colônia vista do exterior. Esses brasileiros têm uma referência à identidade brasileira ou não?

TA - É um pouco difícil de dizer. A primeira coisa que permite de falar, chegar à identidade brasileira, é o nome. Depois do nome, os hábitos, usos e costumes que certas famílias mantiveram. Essas grandes famílias têm hábitos culinários, cerimônias, manifestações, festas, que testemunham sua identidade afro-brasileira ou afro-portuguesa. O senhor vê que falo tanto dos afro-brasileiros quanto dos afro-portugueses. Para mim, trata-se de retrair o percurso Europa/Espanha, África, América/Brasil. Durante as festas oferecemos o que temos de melhor. Enquanto beninense, eu não ofereceria uma festa com caviar e vodka, eu ofereceria massas, por exemplo. Enquanto bom afro-brasileiro, como um D'Almeida, eu oferecerei primeiro pratos afro-brasileiros, e depois todos os outros pratos serão complementares.

MG - Os D'Almeida eram cristãos? Tem essa festa dos retornados brasileiros, a Burrinha, que vai acontecer, aliás, dia 29 de janeiro de 1995. Nessa associação encontramos tanto católicos quanto muçulmanos. Essa associação faz o papel de reunir os brasileiros?

TA - É uma manifestação popular na rua. Eu não sou muito ligado a essa associação. Nosso caso é especial. Brasileiros pelo nome portado, nós chegamos a um momento, na história do Benim, onde nos dissemos franceses. Agora dizemos que somos beninenses. Estamos, então, na nossa terceira mutação. Nessas mudanças de identidade não nos situamos muito facilmente.

MG - O senhor poderia me dar alguns [exemplos de] hábitos culinários das “grandes famílias” brasileiras das quais o senhor fala?

TA - Quando nos encontramos, na família D'Almeida, têm certos pratos que nossos pais servem e que temos prazer de comer. Tem, por exemplo, cozido<sup>1</sup>, *saraboyère*, cocada<sup>2</sup>, feijoada<sup>3</sup>, prato muito apreciado. Nossos modos de festejar não são inteiramente africanos. As tendências de divertimento são europeias.

MG - O senhor pode me dar exemplos de cerimônias familiares? Tem datas?

---

<sup>1</sup> No manuscrito foi transcrito como: “cuzido”.

<sup>2</sup> Idem: “Kocada”.

<sup>3</sup> Idem: “séjuhada”.

TA - São coisas que têm duas formas. Eu não vou falar das cerimônias cíclicas que são também as feitas pelas famílias africanas. A cada ano tem períodos relativos a cada família, ela festeja diferentes acontecimentos. Durante essas cerimônias, as famílias brasileiras se encontram em regozijos comunitários. Aí partilhamos as refeições, conversamos, comemos. A associação é um trabalho, mas eu, eu não entendo nada disso e, por instante, eu não aderi. A família Da Silva é uma família que se encontra em toda parte. Tem Da Silva em Porto Novo, em Uidá.

Se as outras religiões além do catolicismo nos caracterizam, é preciso ver isso do lado materno. Existem muito poucos protestantes entre nós. Ou bem somos católicos, ou muçulmanos, ou animistas. Isso não tem impacto para a comunidade. Tudo depende das ramificações nas famílias, das relações que essas famílias tiveram. Se nós nos mantivemos católicos, é porque nós viemos dos animistas. Quando nós descobrimos o catolicismo, nós o mantivemos de pai para filho. Aliás, os Da Silva, D'Almeida, De Souza, tiveram um ponto de encontro na história deles.

MG - O senhor tinha dito: “Nós fomos primeiro brasileiros, portugueses, depois fomos franceses e hoje somos negros”. Como isso se passou?

TA - Não é difícil de entender. Eu falarei ao senhor da família Almeida. Tem vários ramos da família D'Almeida no Benim e no Togo. Os D'Almeida de meu ramo são originários de Anecho, no Togo. É a mesma família que encontramos em Uidá, no Benim. Em Uidá, tem dois ramos: aqueles de Aguê, no Benim, e aqueles de Anecho, no Togo. O rei de El Mina, no Togo, tinha muitos filhos e filhas. Nessa região de Gana as pessoas trabalhavam o ouro. Ele tinha operários especializados fazendo barras de ouro. Os navios vinham de Portugal, da Inglaterra e da Holanda para comprar ouro em troca de algumas bugigangas que eles traziam. O trabalho do ouro começou a custar vida de alguns que a ele se dedicavam. As pessoas que trabalhavam na extração e na manufatura das barras morriam. A mão de obra começou a ficar difícil. Os comerciantes de ouro começaram a se inquietar junto aos reis Axanti<sup>4</sup>, Gom<sup>5</sup> e outros. O rei do El Mina se sentia ameaçado, visto seus numerosos filhos, na ocorrência, nosso antepassado de nome Ayemanko. Esse último deixa El Mina (Gold Coast) para se instalar no domínio do rei de Glidji, no Togo. O rei de Glidji casou-se com a irmã de Ayemanko. Ayemanko aproveitou esse fato para ir à casa de Chachá, que comerciava tanto com o rei de Glidji quanto com o rei do Daomé, no Benim, e que tomou como esposa também uma de suas irmãs. A partir dessas relações tecidas com os casamentos, Ayemanko se encontrou na corte do rei de Glidji e, depois, entre os Chachá, em Uidá. Como uma das esposas de Chachá era sua irmã e que os filhos de Chachá iam à escola, o jovem Ayemanko os conduzia. Ele não entrava na classe. Sentado do lado de fora, enquanto os outros estudavam, ele assimilou tudo o que os professores ensinavam aos estudantes. Aconteceu de um dia Chachá receber estrangeiros vindos de Portugal. Diante desses

---

<sup>4</sup> No manuscrito está notada a grafia francesa “Ashanti”. O povo Axanti habita uma região da atual República de Gana, na África Ocidental, e conheceu seu apogeu entre 1717 e 1824, no governo de Opoku Ware, bravo guerreiro, brilhante constitucionalista e hábil administrador.

<sup>5</sup> No manuscrito está escrito “Guin”, mas supõe-se serem os Gom, grupo étnico de Porto Novo.

estrangeiros, ele pediu para ver o que as crianças aprenderam na escola. Ele recoloca uma tenda<sup>6</sup> para resumir às crianças os exercícios de cálculo e as explicações das tendas<sup>7</sup>. As crianças de Chachá foram incapazes de se sair bem. Foi então que a irmã de Aye, esposa de Chachá, pede a seu marido de colocar Aye à prova. E Aye resolve bem os exercícios. Esse dia havia na mesa de Chachá certo d' Almeida, comerciante vindo do Brasil, que fazia comércio de óleo de palma, etc. Ele estava de partida para o Brasil. Ele pede, então, para adotar o jovem Aye. Foi assim que meu antepassado recebeu o nome D'Almeida, no começo do século 19. Ele representou os interesses D'Almeida no Benim.

Ele adquiriu as práticas de Chachá. No final do ano todos os estrangeiros deviam oferecer presentes para o rei de Abomé, e ele aderiu também à tradição, como todos os outros comerciantes. Chachá era representado pelo elefante. Posto que Aye D'Almeida fazia como Chachá, os cortesões do rei de Abomé fizeram a observação segundo a qual Aye D'Almeida fazia como um elefante, mas um pequeno elefante. Aye tinha enriquecido muito com o comércio. Seus filhos foram ao Brasil, ao Portugal, a fim de tecer e reforçar suas relações. Na família, alguns partiram ao Brasil e outros não. Aye foi, em seguida, para o Brasil. Aye tendo tornado-se rico, mandava presentes aos reis de Abomé. [Mas] Seu emissário começou a desviar tudo. Bravo com a pequena quantidade de presentes, o rei manda dizer para Aye que pegaria sua casa. Aye coloca seus filhos em barris, que serviam para conter óleo, assim como todos os seus bens, e parte se instalar em Anecho. Ele vai ver o rei de Glidji. O rei lhe dá uma parcela na beira do mar, para se instalar. Ele retoma sua atividade comercial. Torna-se rico novamente, e constitui uma colônia em Anecho. Ele, em seguida, volta para Grande Popô, e depois para Uidá, e, na sequência Aguê, onde a família começou a crescer. No meio tempo, uma desgraça aconteceu com Aye. Seus filhos morriam muito jovens. Aye manda alguém para Golden Coast (Gana) para buscar feiticeiros que ele deixou lá. Ele instalou seus fetiches em uma fazenda do lado de Anecho. Esse lugar se chama Akangadjii.

FIM.

---

<sup>6</sup> “Il remet un tente”.

<sup>7</sup> Esse trecho está confuso. A palavra “tente” deve ter outro significado no caso.